

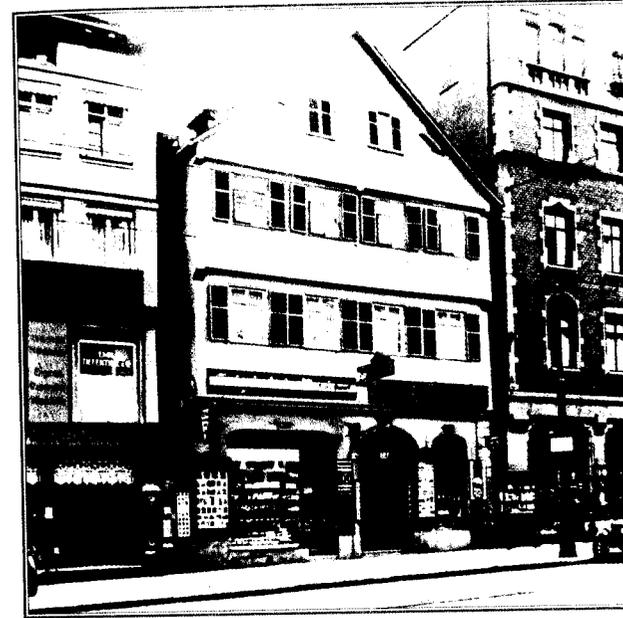
Vida

GONÇAL MAYOS

Apresentação

Apresentamos a vida de Hegel dividida em períodos, de acordo com as diferentes cidades em que o filósofo viveu; trata-se de uma prática habitual que se tem mostrado de grande utilidade para periodizar a evolução vital e intelectual de Hegel, que não é casual nem acidental, pois cada uma das suas mudanças de residência coincide com mudanças importantes na sua vida e com evoluções significativas do seu pensamento. Por isso associaremos as cidades em que viveu às obras que aí concebeu e/ou escreveu. Além disso, visto em perspectiva, este périplo conta-nos muito sobre as circunstâncias políticas e culturais alemãs.

Como veremos, apesar de Tübingen não viver o seu melhor momento, era um bom trampolim inicial para um filósofo. Lamentavelmente, Hegel teve dificuldades para chegar rapidamente à maturidade filosófica e poder assim competir com os seus amigos Hölderlin e Schelling. Essas dificuldades presidem às suas estadias em Bern, Frankfurt e até mesmo na universidade de Jena – por essa altura, universidade estrela e berço do idealismo alemão – para a qual foi chamado por Schelling. Hoje podemos dizer que, em Jena, Hegel conseguiu a plena maturidade que, no entanto, não foi percebida em toda a sua dimensão, pois a grande obra desse momento – *A Fenomenologia do Espírito* – foi terminada e publicada



A CASA NATAL DE HEGEL EM STUTTGART, NUMA FOTOGRAFIA DE 1925. O filósofo nasceu no seio de uma família luterana da classe média, formada pelo funcionário Georg Ludwig Hegel e pela sua mulher, Maria Magdalena Fromm. Nos finais do séc. xviii, Stuttgart era a principal cidade de Württemberg, com uma incipiente produção têxtil, graças aos tecelões valdenses de França que se tinham exilado na cidade. ♦

em condições deploráveis – ocupação militar napoleónica, vida universitária reduzida ao mínimo e subsequente abandono da universidade – que impediram que fosse lida, valorizada e interpretada pelos seus contemporâneos. Ao trocar Jena por Bamberg, Hegel teve de lutar contra a intromissão da roda da história na sua vida e obra, enquanto tentava acelerar o seu próprio amadurecimento e a sua eclosão expressiva.

Antes de realizar o seu desejado salto para as grandes universidades de Heidelberg e, especialmente, Berlim, que naquele momento representavam as etapas finais e culminantes de uma carreira académica e filosófica daquela altura, Hegel teve de ganhar a vida como editor de um jornal pró-napoleónico em Bamberg e, depois, como director de uma instituição de ensino médio (um *Gymnasium*) em Nuremberg. Mas, por fim, depois de inúmeras dificuldades e adiamentos, obteve um lugar chave no sistema universitário alemão e o seu pensamento – já completamente maduro e sistematizado – transformou-se numa referência de primeira ordem dentro e fora do mundo filosófico germânico. Aprofundaremos tudo isso mais pormenorizadamente.

Stuttgart (1770-1788). O filho do funcionário público

Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em Stuttgart em 1770. Era filho de um funcionário público de nível intermédio, secretário da repartição de finanças, originário de uma família protestante que emigrara da Áustria quando lhe fora exigida a conversão ao catolicismo.

Uma tradição luterana. Na família de Hegel havia vários pastores protestantes, como aconteceria mais tarde com Nietzsche, o que confirmava a opinião deste de que a filosofia alemã fora amamentada com leite teológico luterano.

Como era habitual nestas famílias da classe média e sempre vinculadas ao serviço do principado e/ou da fé luterana, o interesse pela educação e pela cultura era uma questão absolutamente prioritária. Para tal não se olhava a despesas nem a esforços.

Consequentemente, Hegel foi educado na convicção (teorizada mais tarde por Weber) de que só o esforço e o reconhecimento social da própria virtude proporcionam um sinal de salvação. Mas o caminho ou vocação pessoal de Hegel não era de tipo económico, mas sim cultural, mais orientado para o académico-universitário do que para o estritamente sacerdotal.

Morte da mãe de Hegel. A mãe de Hegel morreu quando este tinha treze anos, de febres hepáticas que também atacaram o rapaz. Assim, Hegel perdeu muito cedo a sua principal referência familiar, pois a relação com o pai era muito mais distante.

Isto veio acentuar a sua tendência para o estudo aplicado, ordenado e sistemático que sempre o caracterizou, embora tenha provavelmente facilitado a substituição da teologia (a que a mãe o destinava) pela filosofia. Em Stuttgart, Hegel estudou até terminar o exigente ensino secundário alemão, o *Gymnasium*.



O JOVEM HEGEL ESTUDOU TEOLOGIA no seminário luterano de Tübingen (1788-1793), fundado em 1536 pelo duque de Württemberg. Ali forjou com F. W. Schelling o programa do idealismo filosófico e travou amizade com o poeta F. Hölderlin (1770-1843), a quem dedicou o poema «Elêusis». Na imagem, a casa onde Hölderlin viveu os seus últimos anos, nas margens do Neckar. ♦

Tübingen (1788-1793). Amigo de Hölderlin e de Schelling

Aos dezoito anos, Hegel mudou-se para a cidade universitária de Tübingen, então em decadência, para se formar como pastor luterano. No seminário protestante continuou primeiro (1788-1790) os estudos filosóficos, concebidos como prévios aos teológicos, que frequentaria posteriormente (1790-1793). Pelas raras coincidências da vida, juntaram-se naquele centro três das mais destacadas personalidades da época. Naturalmente, em breve funcionaram o que Goethe denominaria as «afinidades electivas» e Hegel simpatizou imediatamente com aquele que seria um dos maiores poetas alemães – e nesse momento, um espírito filosófico de enorme calibre –, Hölderlin, e, no ano seguinte, com o muito avantajado e precoce Schelling, que apesar de ter menos cinco anos, gozava de uma aceitação precoce nos círculos culturais.

Hegel, Hölderlin e Schelling. Os três amigos partilharam a crítica à sociedade provinciana que os envolvia e, apesar de manterem a religiosidade e gozarem de uma espiritualidade não alheia ao misticismo, depressa decidiram conjuntamente afastar-se da medíocre perspectiva da carreira de pastor a que estavam destinados. Hölderlin, para além de romper o compromisso de casamento com a filha de um pastor, decidiu estudar direito em vez de teologia e, embora Hegel tentasse fazer o mesmo, o pai não o autorizou. Para exprimir os seus novos interesses intelectuais e vitais, os três amigos utilizavam uma expressão kantiana que definia na perfeição a sua atitude: sentiam-se cada vez mais perto de uma hipotética «igreja invisível» – dos espíritos escolhidos que partilham grandes anseios humanos – do que da «igreja visível» para a qual os tinham previamente destinado.

Três acontecimentos de grande alcance. Todas estas mudanças nas expectativas vitais dos três amigos coincidiram – e de maneira absolutamente acidental – com três acontecimentos de grande alcance. Os dois primeiros são basicamente culturais e centram-se no mundo alemão, enquanto o terceiro é político.

1.º Em primeiro lugar, trata-se da lenta mas cada vez mais sólida influência geral do erudito Kant e das suas obras posteriores à *Crítica da Razão Pura*, especialmente o seu pen-

samento ético e, mais tarde, a polémica que manteve com o governo após a publicação dos seus esperados escritos sobre religião.

2.º O segundo acontecimento foi a polémica «sobre o panteísmo» despoletada pela publicação da obra do filósofo e pietista radical Jacobi *Sobre a doutrina de Espinosa em cartas a Moses Mendelssohn*. Nela, Jacobi revelava a afirmação até aí inédita de que o grande literato alemão Lessing lhe confessara pessoalmente ter-se convertido ao espinosismo. Contra a vontade de Jacobi, tal polémica apenas conseguiu transformar Espinosa num pensador de primeiro plano para os jovens da altura. Dos três amigos, foi Schelling o mais influenciado por Espinosa, mas Hegel teve sempre o sistema e o rigor especulativo espinosista como modelo e Hölderlin também não ficou alheio a essa influência.

3.º O terceiro grande acontecimento foi de natureza política, mas de enorme alcance para as ideias e expectativas de futuro das gerações seguintes no Ocidente: a chegada das primeiras notícias da Revolução Francesa. Hegel e os amigos ficaram cheios de entusiasmo e esperança, pois desejavam que a revolução se estendesse por toda a Alemanha, para que esta voltasse a entrar na linha principal da história, da qual consideravam que décadas atrás se tinha afastado. Ainda que a revolução não tivesse vingado no mundo alemão, a sua influência depressa se fez notar: inesperadamente, logo em 1791, resultando na batalha de Valmy.

Há que reconhecer que nessa época, e ainda durante muitos anos, Hegel era um estudante muito trabalhador, metódico e obediente – certamente mais do que os seus companheiros – e, por isso, muito apreciado pelos professores. Agora, em comparação com dois génios precoces como Hölderlin e Schelling, o seu brilho expressivo e até a profundidade filosófica atingida neste período são muito inferiores aos dos seus amigos, os quais, no entanto, o têm em grande estima e apreciação.

Bern (1793-1796) e Frankfurt (1797-1800)

Preceptor em Bern. Aos vinte e três anos, Hegel começou a trabalhar como preceptor dos filhos de uma família aristocrática de Bern. O jovem filósofo aceitou, encantado, imaginando-se a iniciar desta maneira o seu caminho próprio e independente de «livre-pensador» que desenvolve as suas próprias ideias em liberdade, aliando-as à digna tarefa de «filósofo popular» que educa o povo nas novas ideias. Mas a realidade mostrou-se bastante diferente, uma vez que, em finais do séc. XVIII, um preceptor era considerado um serviçal, praticamente igual aos criados e cocheiros.

Os preceptores dessa altura tinham um nível cultural muito superior aos dos seus senhores, mas, em contrapartida, recebiam deles um tratamento depreciativo e muito frequentemente tinham de desempenhar actividades que não correspondiam ao seu cargo nem ao seu nível intelectual. Por exemplo, era-lhes exigido que estivessem permanentemente à disposição do senhor para colaborar na organização da casa, ou que actuassem como espões dos seus pupilos para informar devidamente os seus senhores. O *Werther* de Goethe reflecte perfeitamente esta situação e as várias angústias e contradições que provocava.

Preceptor em Frankfurt. Embora Hegel tivesse coadunado a actividade educadora e outras tarefas com algumas viagens e estudos pessoais, não simpatizou com os seus patrões nem sequer com a sociedade de Bern. Por isso, quando o seu amigo Hölderlin lhe conseguiu um lugar de preceptor em Frankfurt, aceitou-o de bom grado. Agora já não se tratava de uma casa aristocrática, mas sim burguesa, mais de acordo com a mentalidade de Hegel (há quem ironicamente destaque que se tratava de um comerciante de vinhos). Assim, aos vinte e seis anos, Hegel viajou para Frankfurt, o que lhe permitiu aprofundar a amizade com Hölderlin. Nessa época, este era já bastante reconhecido, pois Schiller tinha-o impulsionado publicamente, embora possuísse inúmeros e públicos problemas amorosos; neste sentido, Hölderlin sabia que Hegel tinha os pés mais solidamente assentes na terra e que, portanto, o poderia ajudar a recuperar o equilíbrio pessoal.



ILUSTRAÇÃO DE ARTHUR GEORG VON RAMBERG (1819-1875) para *As desventuras do jovem Werther* (1774), obra na qual o escritor Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) descreveu as dificuldades da vida de um jovem preceptor que – tal como Hegel ou Hölderlin em Frankfurt – contrapõe a natureza à convenção. Frankfurter Goethe-Museum, Frankfurt. ♦

E, de facto, durante os anos seguintes, Hölderlin levou a cabo o núcleo mais brilhante da sua produção, mas a hipotética influência positiva de Hegel não foi duradoura, pois aquele em breve se viu afundado num estado de longa e beatífica loucura. Por seu lado, e sob a influência de Hölderlin – que acabava de publicar o primeiro volume do seu *Hipérion* –, é nesta época que o racionalista e burguês Hegel contacta com o nascente romantismo, como nunca o voltará a fazer. Por isso, ainda que mais tarde viesse sempre a menosprezar o sentimentalismo e a ingenuidade político-social dos românticos, escreveu na altura algumas obras sob a sua influência, entre as quais se destaca o poema «Elêusis».

Hegel e o romantismo. Apesar de os românticos e idealistas alemães – incluindo o próprio Hegel – partilharem um mesmo anseio de liberdade e de absoluto, em geral,

procuravam-no de maneira relativamente diferente. Assim, os românticos exaltam o sentimento e as paixões, enquanto Hegel os valoriza, mas sempre submetidos ao serviço da razão. Face a uma sociedade onde domina a hipocrisia ou um Estado submetido à ambição do poder, os românticos divinizarão a natureza, o âmbito puro onde o homem encontra o seu sossego e pode comunicar com os deuses. Em contrapartida, Hegel considera sempre a natureza como inferior à sociedade e ao Estado, pois nela o espírito está como que inconsciente de si; ao invés, pensa Hegel, só na sociedade, no Estado e na cultura, a humanidade está «na sua verdadeira casa» e pode ultrapassar a alienação coisificada e inconsciente do meramente natural.

Primeira publicação. Com considerável atraso em relação aos seus amigos, a primeira publicação de Hegel teve lugar em 1798. Entretanto, Hölderlin alcançara já uma voz poética genial que começava a ser reconhecida e Schelling era então unanimemente saudado como o mais brilhante jovem talento filosófico do momento e triunfava na universidade de Jena, reconhecida unanimemente como o centro da «nova» filosofia idealista. Em contrapartida, Hegel, o futuro criador do mais completo e sólido sistema do idealismo, ainda era simplesmente o fiel amigo de ambos: muito dotado e extremamente trabalhador, mas com um talento que ainda não tinha explorado e que parecia desperdiçar em escritos abstrusos que nem sequer ele se atrevia a publicar. Tudo isso o transformou num fiel escudeiro e, ao mesmo tempo, no amigo desafortunado protegido por Hölderlin e Schelling já convencidos do seu génio pessoal e praticamente consagrados. Certamente por isso, e apesar de Hölderlin e Schelling permanecerem mais próximos do espírito romântico que triunfava no mundo germânico, mostraram-se mais distanciados entre si, enquanto pareciam competir para atrair e proteger o fiel mas lento Hegel.

De Frankfurt à universidade de Jena na Turíngia. Hölderlin chamara-o para Frankfurt e ele acorreu agradecido e entusiasmado, mas em breve escreveria a Schelling para que lhe facultasse o salto para a universidade de Jena, muito perto de Weimar. Esta universidade tinha visto a expulsão, sob acusação de ateísmo, do grande filósofo do momento, Fichte, do qual Schelling surgia como sucessor que poderia ver em Hegel o seu primeiro discípulo. Efectivamente, Schelling respondeu rapidamente a Hegel e obteve-lhe um lugar na universidade. Ambos puseram mãos à obra e, pratica-

mente a duas mãos, elaboraram uma revista filosófica. Schelling foi delegando progressivamente as tarefas de publicação em Hegel e ajudou-o a expressar a filosofia que ele trazia dentro de si.

Embora neste período ainda não pareça insinuar-se no horizonte, os estudiosos percebem nos escritos e na biografia desse momento concreto de Hegel, Hölderlin e Schelling os indícios de uma profunda inversão. O brilhante talento poético, mas também de criação filosófica através da metáfora, o símbolo e os tropos da poesia explodem como uma deslumbrante nova na poesia de Hölderlin, mas apagar-se-ão lamentavelmente pouco depois. Também o brilho, a criatividade e a capacidade de se reinventar de Schelling atingem pontos altíssimas, mas depressa se começa a divisar que será a custo de se isolar e que a sua evolução terá lugar daí em diante em privado, escrevendo muito mas publicando pouco, dialogando argutamente consigo mesmo, mas permanecendo cada vez mais afastado do mundo.

Ultrapassando numerosas dificuldades e através de uma longa evolução, apenas Hegel conseguirá atingir o objectivo, ou, pelo menos, aproximar-se dele: elaborar um sistema idealista omnicompreensivo e desenvolvido em todas as suas componentes. Os três amigos compõem e partilham, por volta de 1797, o chamado «Primeiro programa de sistema do idealismo alemão». Significativamente, este «programa», então partilhado por todos eles, foi primeiro imputado pelos estudiosos a Schelling, apesar de hoje parecer ter sido Hölderlin o seu principal inspirador; mas sabemos que o documento através do qual nos chegou tem a caligrafia de Hegel e que ele sozinho – com importantes mudanças de perspectiva, é verdade – elaborou muito tempo depois uma espécie de sistema completo e minimamente estável dentro da perspectiva geral do idealismo alemão.

Mas não antecipemos os acontecimentos, pois isso ocorrerá muito mais tarde e, para tal, Hegel terá de superar inúmeras dificuldades, quer externas quer internas e imputáveis a si mesmo. Dos três amigos, era Hegel o que mais dificuldades tinha no momento de se expressar e de impressionar o público. Só muito lentamente se foi atrevendo cada vez mais a mostrar a sua análise da realidade e a dialogar na esfera pública daquilo que na época se chamava «a república das letras». Certamente, ainda lhe custou muito con-

seguir o reconhecimento, mas o leitor já consegue perceber que no final do período de Frankfurt – precisamente quando troca a influência mais directa de Hölderlin pela de Schelling – já estabeleceu os fundamentos da sua própria evolução pessoal. A partir de então, surpreendentemente, começam a inverter-se os papéis em relação aos seus geniais amigos.

Morte do pai de Hegel. Todavia, nesse momento Hegel ainda necessitava dos empurrões externos dos amigos. Serviu também de ajuda a triste circunstância da morte do pai – com quem, efectivamente, não se dava muito bem – em 1799, o que lhe permitiu aceder à pequena herança que lhe seria imprescindível para dar o salto para a docência universitária. Deste modo, Hegel renunciou ao sonho de «livre-pensador» ou «filósofo popular» que devia educar o povo a partir do exercício independente da filosofia e da docência. Ainda mais claramente, renunciou assim ao sonho, que também teve, de ser poeta romântico como o seu amigo Hölderlin. Em contrapartida, abraçou o desejo de igualar o seu outro amigo, Schelling, que naquele momento triunfava como filósofo e professor na universidade de Jena.

Humilde e lucidamente, agora que o seu frio pai funcionário público falecera, Hegel compreendeu que também ele precisava da instituição para se projectar. A sua filosofia dever-se-á fazer no seio – embora não necessariamente de forma acomodaticia, como o acusavam – e no diálogo com a sociedade mundana e a história real – o que ele denominará «espírito objectivo». Hegel decidiu converter-se num filósofo-funcionário público, um servidor do Estado, sim, mas consciente de que só com gente como ele o Estado e as suas instituições se poderiam converter em racionais e tornar-se rigorosamente autoconscientes – o que já seria, pensa Hegel, «espírito absoluto». Tal opção não deixava de ser arriscada naquele momento, pois as universidades estavam desprestigiadas depois de terem permanecido décadas à margem dos grandes movimentos modernos e submetidas ao nepotismo dos pequenos poderes.

Ressurgem as universidades modernas. O ressurgimento das universidades modernas teve início com a universidade de Jena e a nova concepção do intelectual-filósofo que, segundo Kant, pode compatibilizar o «uso público da razão» – através do qual



COMO PRECEPTOR AO SERVIÇO DOS STEIGER, família da oligarquia em declínio de Berna, Hegel interessou-se pelo regime fiscal do cantão em plena transformação política e leu as obras de Tucídides e Montesquieu, Hume e Gibbon, Schiller e Kant. Parmenor de uma serigrafia da fachada do Erlacherhof, o palácio da câmara municipal de Berna no séc. XVIII. ◊

se dirige livremente, de acordo com a sua apreciação pessoal das coisas e através dos seus escritos, ao conjunto do género humano – com o «uso privado» – que resulta do exercício de um serviço ou docência paga por alguma instituição estatal ou universidade. Um pouco paradoxalmente, Schiller e Fichte destacam a responsabilidade moral e aura heróica deste novo educador que, das cátedras, incita os discípulos a assumir a desinteressada investigação intelectual e a fundamentar intelectualmente o mundo moderno.

A nova concepção de universidade, que esquece o aspecto de grémio herdado das instituições medievais, que renova os modernos conhecimentos e disciplinas e acaba por sepultar as reminiscências escolásticas, só mais tarde se consolidará, em 1810, com a criação da nova universidade de Berlim, por Humboldt. Todavia, na altura da mudança do século, Hegel estava decidido e queria ser filósofo da realidade, conhecedor do mundo social efectivo, testemunho especulativo de toda a história humana, instrumento racional do espírito objectivo para se tornar espírito absoluto e, simultaneamente, portador e redactor da «ideia». E para isso necessitava da universidade, especialmente da mais criativa do momento: a de Jena, da qual rapidamente tinham recebido notícias por Hölderlin, que de imediato se tinha integrado nos seus círculos românticos e descobrira Fichte, e onde agora brilhava Schelling.

Jena (1801-1807). Depois de Schelling e... superando-o?

Já em Jena, Hegel defende a tese de «habilitação» para poder aceder à docência, embora só consiga um lugar provisório, remunerado pelos próprios estudantes e em função do número destes. Apesar de apenas se conseguir manter graças à herança do pai, aos trinta e um anos encontra-se finalmente no seu próprio ambiente onde, no fundo, sempre desejara estar: a nova universidade.

A nova universidade. Hegel interpretava a nova universidade como a união do espírito objectivo com o espírito absoluto; mais ainda, como a instituição encarregada de que o primeiro – que inclui os aspectos mais imediatos da sociedade até à sua suprema institucionalização estatal – atingisse a sua autoconsciência e perfeito conhecimento filosófico.

Foi esta tarefa que Hegel chamou a si, a que defendeu para a universidade e a que inculcou nos seus discípulos. Mesmo o jovem Marx se reflectiu e projectou na vida universitária, até que, como todos os hegelianos de esquerda e de direita que «recordaram» em excesso o mestre Hegel, acabou por ser expulso. Só após a expulsão, Marx começou a fazer parte da espécie de «livres-pensadores» proletários que escreviam nos novos meios jornalísticos e editoriais e se projectavam nos cada vez mais concorridos partidos de massas – sempre «extramuros» da instituição universitária – e que, como se demonstrou com Lenine, até podiam liderar revoluções.

Hegel afasta-se de Schelling. Em 1801, Hegel publicou pela primeira vez um importante escrito sobre um tema filosófico, em que compara, significativamente, os sistemas idealistas já reconhecidos de Fichte e Schelling. Nesse momento, Hegel, para o público filosófico, era apenas um seguidor de Schelling mas aquilo que escreveu serviu-lhe já para intuir o seu contributo pessoal e diferenciado a respeito do amigo. A partir desse momento, Hegel começou a prodigalizar os seus escritos na revista que editava com Schelling, que, no entanto, não pareceu aceitar de bom grado a lenta eclosão de uma filosofia própria em Hegel. Feliz ou infelizmente, Schelling foi transferido em 1803 para a nova universidade de Würzburg, fechando a revista que ambos publicavam. Hegel ficou



A GOETHEHALLE, NA ACTUAL UNIVERSIDADE DE JENA. Quando, em 1801, Hegel iniciou a sua carreira académica em Jena, a universidade que Goethe e o grão-duque de Weimar tinham transformado no centro do movimento romântico durante o último terço do séc. XVIII, com figuras como Schiller, Fichte ou Schelling, começava já a decair. ♦

de novo só e sem a mínima projecção que lhe era dada pela sua associação com Schelling. Mas, por outro lado, pôde ganhar tempo e investi-lo em projectos mais ambiciosos, que incluíam uma perspectiva filosófica já plenamente independente da de Schelling.

Apesar de ter procurado e pedido a todos os seus conhecidos (incluindo Goethe) um lugar na universidade mais bem remunerado que lhe atenuasse as dificuldades monetárias, Hegel não o conseguiu e viu inclusivamente a universidade de Jena preferir o recém-chegado Fries, por quem sentia uma profunda antipatia que ultrapassava a sua concepção de filosofia totalmente diferente. Entretanto, Hegel resistia a publicar textos que já tinha escrito e que sabia valiosos. Estava dependente de uma obra realmente importante que se ajustasse ao «seu sistema»: a filosofia sistemática que, havia muito, considerava o seu objectivo primordial e tarefa única de qualquer filósofo.

É curioso constatar como Hegel foi crescendo e, sobretudo, como se foi projectando publicamente à medida que se iam apagando os seus mais inspirados amigos Hölderlin e Schelling, ambos com uma prodigiosa e temporã explosão produtiva e projecção pública. Como já dissemos, Hölderlin mergulhou de uma maneira rápida e brutal na loucura e, se Schelling continuou a evoluir e a reflectir até depois da morte de Hegel, em poucos anos deixaria praticamente de publicar. Paradoxalmente, enquanto Hegel ia apresentando a sua candidatura a filósofo determinante para a época «na república das letras», Schelling, que tinha prodigalizado a sua formação «à vista do público» – como dirá Hegel, contrapondo-o sem dúvida a si próprio, à sua evolução lenta e «privada» que atrasa muito as publicações –, daí em diante continuaria a sua filosofia em grande parte de forma privada, sem muitas comunicações por escrito.

A Fenomenologia do Espírito. Nesta altura Hegel tinha muitas dificuldades: o dinheiro da herança esgotava-se, precisava de trabalho fixo, o público via-o simplesmente como «o discípulo» de Schelling e este tinha-o abandonado ao mudar de universidade, e já não podia publicar na revista que editavam, pois, sem Schelling, ela deixara de ser viável, e na sua própria universidade contrataram Fries, que se converteria no seu pior inimigo. Só restava ao acossado filósofo procurar desesperadamente um lugar remunerado e escrever o seu «grande livro», «o seu sistema», o que se concretizou na escrita acelerada, redacção nervosa e concepção inspirada – tudo isto se nota no texto – da *Fenomenologia do Espírito*.

Trata-se da obra com que Hegel encontrou finalmente o seu estilo e a sua perspectiva filosófica: em certo sentido, é a mais fascinante e mais profunda do filósofo. É também, de todas as suas grandes obras, aquela que teve menos impacto na sua época, que entrou mais directamente em choque com a mentalidade dominante e a que foi mais marcada pelas circunstâncias políticas e históricas adversas. Paradoxalmente, a obra que tinha de reflectir a fundo a realidade mais atroz, para a elevar a saber absoluto, acabou por ser cruelmente afectada por essa realidade até ao ponto de a sua mensagem – esse saber absoluto – ficar emudecida para todos até à sua definitiva revalorização em finais do séc. XIX e princípios do séc. XX.

Os canhões napoleónicos. O editor, nervoso, desesperava perante a lentidão de Hegel e, com a ampliação imprevista e inconveniente da *Fenomenologia do Espírito*, o contrato de publicação estava em perigo. Simultaneamente, Hegel recebe a notícia do nascimento do seu filho ilegítimo, Ludwig Fischer – que, para além de problemas morais e sociais, implicava importantes despesas imprevistas – e, ainda para mais, a história volta-se contra ele e contra o livro que haveria de elevar a saber absoluto.

Napoleão invadiu Weimar e levou a cabo uma das suas mais decisivas batalhas às portas de Jena, causando praticamente o fecho da universidade e, com isso, que Hegel tivesse de a abandonar e que as esperanças postas na *Fenomenologia* se desvanecessem, pois, em tal situação, quem conseguiria ler? Mais ainda, quem leria um livro tão complicadamente diabólico e inovador? Hegel intuiu-o: ninguém!

Paradoxalmente, a *Fenomenologia do Espírito*, sem dúvida a obra mais adequada para decifrar as completas «astúcias» e conflitos dos princípios do séc. XIX, acabou por ser pouco valorizada e rapidamente esquecida em prol de outros discursos que não aprofundavam tanto a trágica conflitualidade da época. A *Fenomenologia* foi, sem dúvida, a obra mais idónea para pensar – sem depreciar, nem ingenuamente as dissolver – o cruel surgir da impiedosa modernidade, das duras provas da história e da vida no mundo alemão militarmente derrotado e parcialmente ocupado. A *Fenomenologia do Espírito* procurava permitir decifrar as «astúcias da razão», que são simultaneamente trágicas e lógicas, destrutivas e construtivas, e que definem o desenvolvimento humano no plano cognoscitivo, no plano social e na aspiração ou no explicitar do absoluto.

Já instalado em Berlim, o velho Hegel exagerou quando disse que acabou de escrever a *Fenomenologia do Espírito* sob o ruído dos canhões napoleónicos, porque, na realidade, já concluía a redacção do corpo – mas ainda não o famoso prólogo – pouco antes da vitória napoleónica de Jena-Auerstädt.

Certamente que esta seria uma boa justificação para o diminuto êxito obtido pela primeira grande obra hegeliana. Inclusivamente a imperiosa necessidade de a terminar antes de 18 de Outubro de 1806 poderia justificar importantes desequilíbrios internos, na sua

concepção e na sua febril redacção. As circunstâncias históricas que envolveram a *Fenomenologia* não conseguiam esconder o muito que custara a Hegel encontrar uma linguagem filosófica própria para encarar a tarefa filosófica do seu tempo, e que, com essa obra, só o conseguiria à custa de uma enorme complexidade.

O estilo hegeliano. O estudioso habituado a salientar a dificuldade da *Fenomenologia* ou do estilo filosófico hegeliano dessa época esquece por vezes que este era perfeitamente comparável em dificuldade aos seus grandes contemporâneos: Reinhold, Fichte, Schelling, Novalis, o Hölderlin filósofo, etc. E que, além disso, nem sequer o estilo mais maduro, mas também menos espontâneo, do Hegel de Berlim, se caracteriza propriamente por permitir uma leitura fácil.

Há que reconhecer que Hegel nunca caiu no recurso fácil – absolutamente contrário à sua maneira de pensar – de lançar culpas às circunstâncias históricas – e concretamente à invasão napoleónica – pelos seus problemas de então. Muito pelo contrário, os «canhões» napoleónicos simbolizavam para Hegel a transladação da Revolução Francesa e da nova dinâmica moderna para o fechado mundo alemão, que era precisamente o que a *Fenomenologia do Espírito* devia pensar filosoficamente e elevar a ideia.

Tal como Hegel transforma e interpreta a expressão de Esopo «Eis a rosa, ela dança aqui», percebe-se que a aspiração hegeliana é captar a profunda racionalidade, realizando-se dialecticamente sob a cruel e trágica história humana. A história actual, penetrando como um furacão no caduco, atrasado e ainda palaciano mundo alemão, não tem que ser – pensa Hegel – um espectáculo agradável nem imediatamente feliz; a realidade concreta e particular nunca o é para os seres humanos finitos, pessoais e singulares nela implicados.

Os novos tempos são especialmente difíceis quando introduzem mudanças e fazem aflorar conflitos que talvez se tenham conservado em estado larvar durante séculos. Por isso Hegel saúda as tropas napoleónicas – por outro lado, invasoras – como libertadoras de um mundo fossilizado que resiste a actualizar-se; em certo sentido – e aplicando



O IMPERADOR NAPOLEÃO I (1769-1821) (1) passa revista às tropas francesas com os marechais Louis Alexandre Berthier (1753-1815) (2), no centro, e Joachim Murat (1767-1815) (3), atrás, antes da batalha de Jena, em Weimar. Óleo de Horace Vernet. Museu de Versalhes e Trianon, França. ♦

a metáfora do emergente *Sturm und Drang* – são interpretadas como os trovões que anunciam a tempestade e a posterior chuva benéfica, germinal, frutífera...

Uma revolução espiritual. Como dirão Marx, Lukács ou Marcuse, os jovens pensadores idealistas alemães, conscientes de que o atraso social, político e económico do seu país lhes proibia a revolução política «real» que os franceses levavam a cabo, viam com bons olhos a extensão da revolução aos seus próprios territórios, pelo menos durante

os entusiásticos momentos do seu começo. Havia aqui, em parte, uma nítida consciência de inferioridade política que, contudo, era sobejamente compensada pela confiança nas próprias capacidades intelectuais.

Achavam-nas suficientes para levar a termo uma revolução espiritual – mais real e efectiva, *Wirklich*, do que a política de França – armados com a potência especulativa que, desde Kant ou mesmo Leibniz, resultava do adequado cultivo do «espírito de seriedade» na filosofia alemã. Esta era uma perspectiva extensamente partilhada, mas ninguém como Hegel e a sua *Fenomenologia do Espírito* conseguirá implicar dialéctica e tão intrinsecamente as dualidades: vida e pensamento, história e filosofia, sentidos e lógica, realidade desconceptualizada e conceito da realidade...

Culminando a divisa hegeliana «Eis a rosa, ela dança aqui», a essência mais radical da *Fenomenologia do Espírito* fundamenta-se em sobrepor dois discursos que assim se potenciam e explicam mutuamente: por um lado o dramático conflito vital e histórico, e por outro a fria lógica que mostra a racionalidade desse conflito. O primeiro concretiza, encarna e antecipa-se dramaticamente ao segundo; o qual, por sua vez, conceptualiza e conhece racionalmente o sentido desdramatizado do primeiro.

Dois discursos – o *pantrágico* e o *panlógico* – surgem como complementares, apesar de irremediavelmente separados por um abismo ontológico e vital – como veremos no correspondente enquadramento – que os separa irremediavelmente.

Bamberg (1807-2808). Defendendo Napoleão

Director de jornal. Depois de ter de abandonar Jena e de perder a solicitada colocação na universidade de Heidelberg atribuída ao seu «inimigo» Fries, Hegel aceita ser director do *Bamberg Zeitung*. Pode surpreender o leitor, demasiado influenciado pelos assuntos correntes, que um filósofo, para mais tão especulativo e «difícil» como Hegel, pudesse dirigir um jornal. Ora bem, já na sua fase anterior em Jena, Hegel afirmara que: «Ler o jornal matutino é a oração da manhã do realista», entendendo por «realismo» orientar-se para o mundo e para a sua realidade. Assim, Hegel opunha-se ao idealismo utópico e ingénuo daquele que acredita que tem em Deus uma via privilegiada para conhecer a realidade, sem ter de atender a ela enquanto tal, isto é, sem se esforçar por analisar e penetrar no seu intrínseco funcionamento.

Recordemos que, na *Fenomenologia*, Hegel realçou que o «saber absoluto», a que o filósofo pode aceder, não goza das famosas características que habitualmente pretende a vontade humana de sabedoria e domínio: prever para dominar o futuro. Quando muito, a coruja de Minerva que é o filósofo, pode conhecer de forma absoluta – e, recordemos, de forma irreversível, radical, necessária e mostrando a ideia racional – o acontecido, mas à custa de perder a sua vivacidade e horror, para ganhar e expor o lógico, dialéctico, cinzento e racional na sua lembrança.

Por isso o filósofo idealista Hegel – aparentemente desgarrado do mundo – propõe a leitura do jornal matutino como exercício necessário para iniciar a tarefa essencialmente filosófica de passar da circunstância anedótica à verdade histórica e especulativa. Só assim se pode entender que Hegel saúde com admiração o invasor Napoleão – chama-lhe o «espírito universal a cavalo» – que ocupa e despoeva de alunos a universidade onde tanto lhe custou trabalhar. Hegel poderá também suspeitar que virá a ser também condenado a um mais ou menos longo período de afastamento do seu sonho de vida académica, dignamente burocrática e friamente filosófica, onde a sua vida se mostrará mais trágica, menos predeterminada, mais infeliz, mas talvez não menos interessante.

Do pantrágico ao panlógico. É curioso que precisamente nesta fase absolutamente imprevista da sua vida – que, de forma curiosa, inclui a direcção de um diário cultural pró-napoleónico – Hegel evolui quebrando o equilíbrio da *Fenomenologia* e subordinando a vertente pantrágica a favor da panlógica.

Surpreendentemente, esta evolução interna do pensamento hegeliano coincide com o que diz ser a sua oportunidade de se vincular mais directamente aos acontecimentos históricos. «Poderei projectar a minha curiosidade sobre o acompanhamento dos acontecimentos do mundo». E acaba fazendo uma declaração muito a seu gosto: «Tão sedutor como o isolamento independente [típico do filósofo exigente] é o dever que todos têm de manter uma ligação com o Estado e trabalhar em seu nome [...]. Não vou levar uma vida verdadeiramente privada, porque não há homem mais público do que o jornalista».

Evidentemente que o *Bamberg Zeitung* não era como os jornais actuais, e parece que era escrito por Hegel na sua quase totalidade, atendendo às notícias chave do momento, tanto políticas como culturais. Hegel desenvolveu nele uma linha editorial nitidamente a favor de Napoleão, então o ditador que controlava toda aquela extensa zona da Alemanha e que estava em confronto directo com a Prússia. Há que dizer que, naquele momento, as opiniões pessoais de Hegel se encaixavam perfeitamente com a posição que necessariamente tinha de defender. É muito conhecida a admiração hegeliana – quase adoração – por Napoleão, para ele a encarnação «a cavalo» do espírito universal, o «grande homem» que nesse momento era depositário do destino da humanidade e da razão da história.

Publica-se a *Fenomenologia*. Apareceu finalmente em Bamberg a *Fenomenologia*, embora praticamente «morta à nascença desde a sua impressão». Por outro lado, algumas críticas explícitas nela contidas contra a filosofia de Schelling – para além da definitiva constatação de que Hegel tinha um caminho filosófico próprio e incompatível com o do amigo – selaram a ruptura daquela velha amizade. Daí em diante, Schelling e Hegel vigiar-se-iam à distância como duas perspectivas adversárias do idealismo competindo por liderar esse movimento. Mas, como referimos, e



Em 1807, HEGEL JUNTOU AS SUAS AULAS de lógica e metafísica, direito natural, enciclopédia e história da filosofia na universidade de Jena com a redacção da sua grande obra *Fenomenologia do Espírito*, como propedêutica ao sistema cujo programa elaborou em Frankfurt e que foi complementando à medida que avançou na sua carreira docente. Hegel dando aulas, litografia realizada c. 1828 por Franz Kugler (1808-1858). ◊

apesar de termos de esperar ainda algum tempo para que se constate plenamente, já se intui a futura inversão de posições que levará Hegel a triunfar na universidade de Berlim.

Apesar de, aparentemente, dirigir um jornal não ser assim tão contrário à concepção hegeliana da filosofia quanto se pudesse supor, o que é certo é que Hegel aspirava decifrar a racionalidade da história humana e a realidade, mais do que narrar os seus acasos concretos ou referir detalhadamente as suas circunstâncias particulares. O olhar e a especulação hegeliana dirigem-se sempre para grandes distâncias geográficas ou temporais – a *longue durée* dos historiadores franceses dos *Anales*. O campo natural de Hegel é a macro-história e a macrofilosofia; não a pequena história dos acontecimentos singulares, de pobres efeitos e de curto alcance; nem sequer a filosofia erudita, minuciosa e cingida à autoridade dos pensadores analisados.

Nuremberg (1808-1816). O digno reitor

Desejoso de ter a tranquilidade de pensar em grande, a longo prazo e com profundidade lógico-dialéctica, Hegel procurou incessantemente outra ocupação na linha do seu sonho universitário. De imediato, isso não se pôde cumprir, mas o seu velho amigo de Tübingen, Immanuel Niethammer – que desempenhava um alto cargo de educação na Baviera – conseguiu-lhe obter o lugar de reitor de um instituto de ensino médio em Nuremberg. Embora se tratasse nitidamente de um recuo e atrasasse o seu sonho universitário, Hegel, em 1808 estava tão desejoso de alcançar uma situação económica minimamente tranquila e alguma respeitabilidade social que aceitou imediatamente o cargo com entusiasmo, em 1808.

Reitor de liceu (*Gymnasium*). Hegel ficou especialmente satisfeito com o lugar de reitor, pois este exigia-lhe a aplicação de algumas das suas virtudes mais arregadas: capacidade de trabalho, sociabilidade, eficácia administrativa, respeito pelas normas e pelas hierarquias sociais... Sem dúvida alguma, ao desempenhar esse cargo de reitor, Hegel tinha a sensação de realizar finalmente quer o sonho de educador do povo da sua juventude, quer o de harmonizador do espírito objectivo – das instituições reais – com o absoluto – da verdade universal ou da razão filosófica.

Além disso, durante este período, Hegel conseguiu finalmente grandes compensações pessoais e sociais. Tinha-se transformado numa pessoa plenamente respeitável, exercia um cargo público reconhecido, era membro activo e valorizado da elite de Nuremberg e, inclusivamente, entrou no seio de uma das melhores famílias aristocráticas desta cidade.

Casamento com Marie von Tucher. Esquecendo assuntos anteriores, como o nascimento do filho ilegítimo, em 1811 Hegel casou finalmente com Marie von Tucher, vinte e um anos mais nova do que ele. Em breve nasceriam os seus dois filhos legítimos, Karl (em 1813) e Immanuel (em 1814). Além disso, em 1813 foi nomeado Conselheiro escolar da cidade. Estas melhorias pessoais, que por fim recompensavam os denodados esforços de um Hegel, que já ultrapassara os quarenta anos, para encontrar uma posição económica e social digna, tiveram como contrapartida o afastamento da sua desejada carreira universitária. Além do mais, Hegel teve nessa altura de ultrapassar dois inconvenientes:



RETRATO DE FRIEDRICH WILHELM JOSEPH SCHELLING (1775-1854) realizado c. 1835 por Joseph Stieler (1781-1858). Entre 1801 e 1803 Hegel colaborou com Schelling, antigo amigo do seminário de Tübingen, que já nessa altura tinha publicado o Sistema do Idealismo Transcendental (1800) e ocupava a cátedra em Jena que Fichte tivera de abandonar. Dessa colaboração surgiu o *Kritisches Journal der Philosophie* (1802-1803), revista que marcou o período de maior afinidade entre os dois. ♦

por um lado, a sua identificação com Schelling, de quem parecia ainda ser discípulo; por outro, a sua fama, relativamente certa, de professor pesado, obscuro e não muito brilhante nas suas aulas. A isto, acrescenta-se o facto de ter estado afastado da docência universitária durante toda uma década.

Uma carta de apresentação filosófica: a *Ciência da Lógica*. Silenciosamente mas, como era habitual nele, de forma conscienciosa, Hegel fora preparando a sua carta de apresentação académica. Dado estar consciente de que a *Fenomenologia*, lamentável e de todo injustamente, não poderia representar esse papel, Hegel escreveu a *Ciência da Lógica*, em três volumes, que publicou em 1812, 1813 e 1815. Certamente, Hegel encontrou com a *Ciência da Lógica* essa carta filosófica de apresentação que ninguém poderia menosprezar. Talvez alguns desconfiassem da ambição do projecto, de que fosse viável e, inclusivamente, da qualidade filosófica de semelhante projecto. Mas dificilmente se poderia duvidar da capacidade filosófica do autor. Mesmo no seu tempo, havia muita gente renitente e contrária ao tipo idealista de filosofia, mas já ninguém podia duvidar de que Hegel fosse, dentro desse tipo de filosofia, uma das vozes mais potentes e indiscutíveis. O idealismo alemão já não podia ser concebido sem Hegel, sem atender à sua personalidade filosófica e ao sistema hegeliano. A partir deste momento veremos o nosso filósofo procurar o lugar que crê corresponder-lhe e que granjeou dentro do mundo filosófico universitário alemão. Mais ainda, veremos que a partir dele se projectará universalmente como o principal filósofo idealista e, inclusivamente, conseguirá ser o único que pôde, por fim, apresentar um (ou O) sistema completo e definitivo do idealismo.

Ainda outra «desilusão académica». De momento e nos aspectos mais prosaicos, Hegel teria ainda de vencer algumas dificuldades e ver como o seu «inimigo» Fries conquistava sempre as melhores ofertas. Mas, apesar disso, foi considerado como candidato às universidades de Heidelberg e de Berlim. Primeiro, em 1816, concretizou-se a oferta da universidade de Heidelberg, uma das mais antigas da Alemanha, embora, à época, não fosse comparável à «nova» universidade fundada em 1810 por Wilhelm von Humboldt em Berlim. Esta, com nem mais nem menos do que a cátedra que Fichte deixara vaga com a sua morte, ainda teria de esperar, pelo que Hegel teve então de renunciar a aspirar a ela, no que podemos considerar a sua última desilusão académica.

Heidelberg (1816-1818). Formulação do «seu» sistema

Aos quarenta e seis anos, Hegel conquistou finalmente o tão ansiado posto universitário na muito reconhecida universidade de Heidelberg, suficientemente remunerado para poder manter a família. Embora nem tudo fosse cor-de-rosa nesta universidade, Hegel conseguira a tão almejada tranquilidade e projecção universitária e pôde concentrar-se na planificação geral do seu sistema. Além disso, no sistema universitário alemão pós-napoleónico era pedido aos professores que explicitassem o sistema que defendiam ou propunham e o manual filosófico em que baseariam as suas aulas.

A *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. Agora que a necessidade académica coincidia plenamente com a necessidade interior sentida por Hegel de delinear de forma global, e já com uma certa concretização, a totalidade do seu sistema, publicou a sua primeira versão resumida: a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* surgiu em 1817.

Sem renunciar à sua aproximação realista e desapegada das realidades da existência humana e da história que tão vívida era na *Fenomenologia*, Hegel delineia agora o seu sistema – cujo resumo é a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* – num estilo mais fria e exclusivamente panlógico. Esta tendência era já clara na *Ciência da Lógica* de Heidelberg (1812-1816), mas culminará nas suas aulas e obras de Berlim. Embora sem a riqueza e as análises pantrágicas da *Fenomenologia*, Hegel mantém um mesmo veredicto sobre as astúcias do espírito universal e da história, que agora aplica até ao seu antigo ídolo, o orgulhoso Napoleão, nessa altura, já derrotado e enclausurado na ilha de Santa Helena: o espírito universal não se une a nada nem a ninguém em particular, apenas por um momento encarna em algo singular, que é, durante algum tempo, o seu «portador», mas depois migra e procura outros «portadores» para poder realizar de forma imanente ou intra-histórica fins imprevisíveis e não domináveis por estes.

O espírito do mundo ou universal (*Weltgeist*). O espírito do mundo nunca se vincula permanentemente a uma pessoa ou mesmo a um povo, dado que o seu verdadeiro cenário é, como expressa a dualidade de sentidos do alemão *Weltgeist* – o mundo inteiro, «universal» (hoje em dia usamos mais o termo «geral»), – aberto e dirigido

à totalidade do mundo, mas sem se comprometer seja com o que for em particular, nem sequer com o «génio» militar Napoleão.

Atendendo apenas às suas próprias conveniências, o espírito universal ou do mundo transigrará de uns portadores para outros, e todos eles serão sempre apenas isto, portadores de algo que vai muito para além deles como seres particulares.

A amizade com Goethe. Precisamente no momento em que Hegel experimentara e justificara o necessário fracasso de um «génio» portador do espírito universal (Napoleão), contactou verdadeiramente e tornou-se amigo de outro: Goethe.

Hegel, que defendera a teoria das cores de Goethe – opondo-se mesmo à de Newton –, simpatizava agora com aquele que haveria de ser o autêntico ditador cultural alemão durante décadas. Daí em diante, ambos manteriam a amizade e o reconhecimento mútuo e seriam as chaves para a posterior evolução cultural alemã.

Hegel fez também outros importantes amigos filósofos nessa época, tal como o francês Victor Cousin que, mais tarde, sendo muito influente na política educativa francesa, seria a chave para a introdução do hegelianismo em França. Além disso, Hegel foi nomeado co-editor dos prestigiosos *Heidelberger Jahrbücher*.

Candidato à universidade de Berlim. Hegel sentia-se manifestamente feliz e em nítida progressão em Heidelberg, mas uma vez mais os acasos históricos interferiram no plácido desenvolvimento da sua vida e filosofia. A nova direcção reformista da cultura e da universidade de Berlim, com o ministro Altenstein, voltou a apresentar a candidatura de Hegel para a universidade mais renovadora do momento, nem mais nem menos do que na capital da Prússia.

Apesar de Hegel ter visto com desconfiança a viragem militarista e conservadora prussiana, e simpatizasse com as novas constituições – progressistas e com duas câmaras de tipo francês – que a Prússia esmagaria, em finais de 1817 pensava ver nos moderados projectos prussianos de renovação o caminho sólido para o Estado novo e racionalmente organizado que sempre procurara.



TENTATIVA DE ALCANÇAR O PARNASO. Visão satírica do romantismo alemão numa gravura de 1803. Em cima, à esquerda, aparecem A. Von Katzebue (2) (1761-1819) em cuja revista, *Der Freimutige*, atacava Schlegel, Schleiermacher, Tieck e Novalis (3), no grupo central, assim como Goethe (1), ao fundo à direita. ♦

Vinculando o espírito absoluto, especialmente a filosofia que explicita o sistema de todas as ciências, como chave para a formação dos cidadãos ao serviço do espírito objectivo e do Estado, afirmou na sua conferência inaugural em Berlim que «a formação e o florescimento das ciências é um dos momentos essenciais na vida do Estado».

O *Bildung*. Hegel, como muitos outros, confundiu seguramente com uma viragem histórica permanente aquilo que não passava de uma política de circunstância devida à derrota militar do Estado prussiano, que perdera todo o seu território ocidental frente a Napoleão e teve de se retirar para os seus feudos orientais. Certeiramente, o Fichte dos *Discursos à Nação Alemã* (1808) afirmou que, perante a derrota militar napoleónica,

só restava à Alemanha o que sempre tinha sido o seu principal activo, o espírito, a formação (*Bildung*), a cultura, a sua educação. Mas, com estas palavras, Fichte reivindicava a cultura e o espírito – que incluem, como bom kantiano, a liberdade de pensamento e de expressão e a tolerância cultural como o mais importante – não apenas como uma inteligente estratégia estatal – como as promessas de constituições e liberdades – somente durante o período em que a Prússia se encontrava derrotada e a monarquia ameaçada.

No entanto, era precisamente isso que Frederico Guilherme III pensava quando, no início do processo para a criação da universidade de Berlim, proclamou com bastante clareza: «O Estado tem de substituir com o poder espiritual aquilo que perdeu fisicamente». Subentendia-se claramente que, uma vez recuperado «fisicamente» o território e garantido o seu absoluto poder autárquico, as concessões ao espiritual, à democracia ou à liberdade de expressão não tinham que se manter ou ser as mesmas.

Berlim (1818-1831). À conquista... do Estado?

A longo prazo e em certo sentido, Hegel foi inteligente quando escolheu Berlim. Certamente, nessa altura a Prússia estava a consolidar a sua reorganização pós-napoleónica e, daí em diante, conquistaria a hegemonia política alemã e converteria Berlim na grande capital do Reich; se bem que a hegemonia cultural resistisse ainda, pois Viena e o Império austro-húngaro não seriam tão facilmente substituídos neste terreno.

Mas a curto prazo a história ainda guardava surpresas para Hegel, pois precisamente pouco antes de se instalar em Berlim, a Prússia esqueceu todas as veleidades reformadoras. Em 1819, Frederico Guilherme III da Prússia negociou em Karlsbad com o factótum da restauração pós-napoleónica e anti-revolucionária – o ministro austríaco Metternich – uma política interna e externa que favorecia a censura e o controlo estatal antiliberal da vida pública, especialmente nas universidades. Wilhelm von Humboldt, o criador liberal da universidade de Berlim, teve de se demitir e, com ele, ministros renovadores como Von Boyen.

A restauração antiliberal. O refluxo conservador e restaurador aumentou no ano seguinte, em 1820, quando as chamadas «leis finais de Viena» bloquearam a tendência aberta e prometida de facilitar novas constituições aos distintos territórios «libertados» do jugo napoleónico. Mais ainda, no Congresso de Troppau as três autocracias conservadoras – Rússia, Áustria e Prússia – proclamaram a sua política internacional de intervir onde fizesse falta para manter a «legitimidade» dinástica estabelecida. O único resultado efectivo desta política foi a triste invasão espanhola em 1823 pelos célebres Cem Mil Filhos de São Luís, que poria termo ao chamado Triénio Liberal com uma enorme repressão – fuzilamento de Riego e muitos outros – e restauraria o absolutismo monárquico, enquanto a França ocupava a península durante cinco anos.

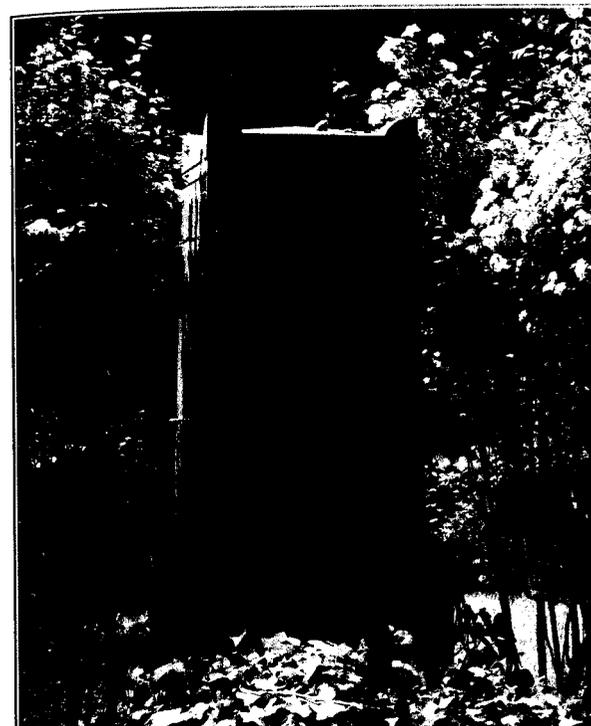
A Filosofia do Direito. Paralela e significativamente, Hegel escrevia uma das suas obras mais influentes, e de facto mais lidas, a *Filosofia do Direito*. Trata-se, na realidade, de uma ambiciosa filosofia política que, apesar do completo estilo especulativo hegeliano, reflecte e encara os grandes conflitos políticos do momento. Apesar de a obra permitir

interpretações muito diversas, Hegel teve a coragem de a redigir num momento nada claro, em que os profundos conflitos de natureza política, resultantes da rápida reconfiguração prussiana pós-napoleónica, tinham consequências muito desagradáveis em todos os âmbitos da vida.

O *ennui* romântico. O esquecimento das promessas reformadoras – novas constituições e liberdades – que a Prússia e outras autocracias do momento prodigalizaram para minar as alianças pró-revolucionárias e/ou pró-napoleónicas provocou um enorme desânimo generalizado – vinculado ao famoso *ennui* romântico –, sobretudo na juventude. Houve uma depuração rotunda e progressiva das elites políticas e culturais, pois o que interessava promover com Napoleão tinha-se agora tornado absolutamente perigoso e os conservadores que durante a luta contra Napoleão se calavam, condescendiam e esperavam, agora tomavam violentamente a iniciativa. Ninguém estava completamente a salvo e Hegel também não. Apesar do respeito hegeliano pelas instituições, pelas hierarquias e pela ordem, não escapava a ninguém que aspirava claramente a instituições, a hierarquias e a uma ordem muito mais racionais e que isso comportava reformas – algumas muito profundas.

Apesar de ter atingido o culminar da sua carreira académica como influente catedrático na emblemática universidade de Berlim, desde o primeiro momento que Hegel teve problemas para que fossem aceites as suas propostas de «assistentes de cátedra», porque eram jovens vinculados às reformas. Também Schleiermacher os teve, se bem que a diferente maneira de reagir e de valorizar os privilégios do Estado tivesse provocado um confronto entre ambos que, unido ao pouco respeito mútuo que professavam pelas respectivas orientações filosóficas, marcou daí em diante o seu permanente confronto.

A fama de um Hegel conservador. Hegel pareceu juntar-se declaradamente à linha repressiva do regime quando, em finais de 1829, criticou no prefácio da *Filosofia do Direito* o seu velho inimigo, o «sentimentalista» Fries, e o seu novo inimigo Schleiermacher, por «desprezar» a partir da religiosidade «a ordem ética e a objectividade das leis».



TÚMULO DE G. W. F. HEGEL (1770-1831) no cemitério de Dorotheenstadt, em Berlim-Mitte. Pela sua morte, o seu antigo amigo e mentor Schelling sucedeu-lhe na cátedra berlinense. Posteriormente os seus discípulos publicaram as Lições de Filosofia da História Universal, Estética, História da Filosofia e Filosofia da Religião, enquanto se ia afirmando a divisão da escola entre correntes de direita e de esquerda. Em 1839, uma nova corrente, criada por Schelling e representada por Feuerbach, empreenderia a crítica da filosofia especulativa. ♦

Por motivos políticos, Fries fora expulso da sua cátedra na universidade de Jena e Schleiermacher era apertadamente vigiado na de Berlim, por idênticos motivos e pela sua conhecida amizade com Fries. Hegel, que era nitidamente um reformista e fora admirador incontestado de Napoleão (nesse momento uma atitude muito perseguida), parecia pôr-se por sua própria opção e publicamente do lado da repressão do Estado prussiano. Com isso confirmava a lenda que já o perseguia, mas que agora se convertera aparentemente em autoconfissão. Claro que em relação a isso, pouco importava o que Hegel dissesse, concretamente no texto da *Filosofia do Direito*: a sua fama estava já implantada.

O decanato e o reitorado. Em 1821 Hegel foi nomeado decano da faculdade de Filosofia. A sua tão comentada convivência com o governo prussiano era nitidamente

exagerada, pois, apesar de ser reconhecido, teve também contínuas desavenças com as autoridades. Apesar disso, a sua ascensão continuou.

Em 1872, reeditou a sua *Enciclopédia* e, em 1829, foi eleito reitor da universidade de Berlim. Todavia, Hegel tinha granjeado inimigos influentes e pertinazes. O mais persistente e inflamado era Schleiermacher, que conseguiu vetar a entrada de Hegel na Academia de Ciências de Berlim em sucessivas e cada vez mais escandalosas ocasiões, a última quando Hegel tinha conseguido acrescentar o reitorado eleito da universidade de Berlim à sua fama já então poderosíssima.

Isto foi para Hegel uma espinha constante e dolorosamente cravada no centro da sua intensa necessidade de reconhecimento; para além da perda de rendimentos de que nessa altura necessitava, devido aos seus problemas de saúde.

De novo Hegel e Schelling. O mais antigo inimigo hegeliano não era outro senão o seu velho amigo da adolescência e durante algum tempo mentor: Schelling. Enquanto Hegel conseguia lentamente mas com passo firme progressivas quotas de reconhecimento académico e público, Schelling retraíra-se, deixando de publicar e desenvolvendo um discurso obscuro e pouco inteligível para a época.

Como já dissemos, Schelling tinha grande dificuldade em aceitar esta inversão, depois de ter conquistado o reconhecimento muito jovem. Além disso, os comentaristas não especializados confundiam habitualmente o pensamento de ambos, e Hegel queria a todo o custo livrar-se do estigma de ser basicamente um schellingiano.

Por outro lado, foi fácil a Schelling insistir em que Hegel nada mais fizera do que traduzir as suas descobertas filosóficas para a sua própria linguagem. Hegel exprimiria em termos mais próximos da lógica e da filosofia do espírito o que anteriormente Schelling expressara em termos da filosofia da natureza, ou de uma ontologia que parecia antecipar o heideggeriano «esquecimento do ser». Naturalmente, isso irritava Hegel ainda mais do que a continuada aversão de Schleiermacher.

Quis o destino que, à morte de Hegel, e para lhe suceder na cátedra de filosofia da universidade de Berlim, fosse chamado Schelling, seu antigo amigo e grande adversário das últimas décadas. Contudo essa sucessão não foi fruto do acaso, mas politicamente induzida pela percepção, por parte das altas hierarquias prussianas, de que havia grande perigo no hegelianismo e nos seus discípulos, por essa altura muito bem dissimulados para dominar a vida académica berlinense, que à morte de Hegel já se tinha dividido em correntes «de direita» e «de esquerda».

Por isso foi pedido explicitamente a Schelling que reconduzisse a influência hegeliana – incluindo a depuração dos principais discípulos – e colaborasse em «extirpar a semente do dragão do panteísmo hegeliano». Daí em diante, os hegelianos, em especial os de esquerda, onde há que situar o jovem Marx, teriam de se fazer ouvir fora do âmbito académico que tão laboriosamente Hegel conquistou para a sua filosofia.

Os últimos anos da vida de Hegel. Nos últimos anos da sua vida, Hegel esteve imerso em importantes projectos editoriais que modificaram mais profundamente do que se pensa o seu sistema e a estrutura das suas obras.

Em 1830, levou a cabo a terceira edição ampliada da *Enciclopédia*, e em 1831 reelaborou um volume da *Ciência da Lógica*, mas não pôde continuar com os outros. Também tinha o projecto de reeditar com modificações a sua primeira obra, *Fenomenologia do Espírito*, e as suas *Lições de Filosofia da História Universal*.

Não pôde também editar as suas influentes aulas em Berlim sobre história universal, estética, religião e história da filosofia, trabalho que teriam que ser os seus discípulos a realizar, recompilando as notas do mestre e os apontamentos de diferentes ouvintes dos seus cursos.

Morte de Hegel. A 14 de Novembro de 1831 Hegel faleceu de cólera, durante a epidemia espalhada pelas tropas russas que então sufocavam a rebelião liberal polaca. Foi a última e decisiva vez em que a história interferiu na vida do – certamente – filósofo mais ambicioso e especulativo que se propôs conhecê-la através da ideia e da sua dialéctica.

FRIEDRICH HÖLDERLIN

O GRANDE POETA ROMÂNTICO

Friedrich Hölderlin (1770-1843) é actualmente conhecido como um dos poetas românticos mais subtis, metafísicos e líricos da língua alemã. No entanto, para o jovem Hegel, era sobretudo um grande filósofo idealista que, como ele, não era ainda consagrado. Certamente, a leitura dos escritos filosóficos de Hölderlin, fragmentários mas profundos, assim o confirmam, mas não podem fazer sombra ao poeta. Hölderlin antecipa-se aos seus amigos idealistas quando valoriza a importância da beleza e da poesia para a nova filosofia, concebendo, de forma panteísta, a realidade como um todo orgânico e considerando como tarefa chave filosófica e vital a união do particular com o universal e do indivíduo com a sociedade.

Contudo, com o seu romance epistolar *Hiperion*, o seu drama inacabado *A Morte de Empédocles* e as suas grandes odes e elegias, tornar-se-á rapidamente uma perspectiva radicalmente alternativa à hegeliana, tanto mais que partilham muitos aspectos. Assim, é possível que Hölderlin pense no seu amigo Hegel quando avisa: «Sempre



RETRATO DE FRIEDRICH HÖLDERLIN (1770-1843) c. 1825. Apesar de a sua existência ter estado ameaçada pela loucura, Hölderlin criou uma obra poética extraordinária, na qual a influência de Schiller se une à admiração pela antiga Grécia, partilhada com o seu amigo Hegel. O autor de *Hiperion* (1795-1799) foi, no seu esforço de interpretar a vida através da consciência dos valores que contém, o precursor de Byron e Leopardi, de Nietzsche e Baudelaire. ♦

que o homem quis fazer do Estado o seu paraíso, transformou-o num inferno»; ou «O Homem é um deus quando sonha e um mendigo quando reflecte». /G. M.

FRIEDRICH WILHELM JOSEPH SCHELLING

O IDEALISMO OBJECTIVO

Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1854) é, com Fichte, o filósofo idealista mais precoce e brilhante da sua época, mas diferencia-se deste e de Hegel por dar mais importância à investigação naturalista do que à político-social e também pelo seu constante e profundo vínculo com o romantismo. Por isso, Hegel interpreta Schelling como a mediação de um «idealismo objectivo» entre o «idealismo subjectivo» de Fichte e o seu «idealismo absoluto». Além disso, criticá-lo-á pela sua tentativa falhada de fundamentação do idealismo a partir de uma dogmática «intuição intelectual» e pela sua posterior derivação pouco «racionalista» e «conceptual», por exemplo, ao desenvolver uma importante filosofia da mitologia, que Hegel não podia aceitar.

Schelling publicou a sua obra precocemente e de forma acelerada. Entre os seus escritos, destacam-se *Ideias para uma Filosofia da Natureza* (1797), *Sobre a Alma do Mundo* (1798), *Sistema do Idealismo Transcendental* (1800), *Bruno ou Sobre o Princípio Natural e Divino das Coisas* (1802), *Filosofia e*



RETRATO DO JOVEM FRIEDRICH W.J. SCHELLING (1775-1854). Através do seu vínculo com a *Naturphilosophie*, a ponta de lança do movimento romântico, conheceu uma fulgurante carreira académica. Embora em Berlim, no final da sua vida, tivesse entre os seus alunos Kierkegaard, Feuerbach e Bakunine, o sistema do idealismo transcendental que elaborou só começou a ser considerado devidamente no início do séc. XX. ♦

Religião (1804) e *Investigação Sobre a Essência da Liberdade Humana* (1809).

No entanto, o filósofo deixou de publicar a partir de 1811, apesar de ter continuado a escrever e a leccionar influentes aulas universitárias. /G. M.

NAPOLEÃO E HEGEL COMO EXEMPLO

ASCENSÃO E QUEDA DE UM VISIONÁRIO

O triunfante Napoleão (1769-1821), imperador dos franceses, poderia ter obtido grande proveito se tivesse lido a hegeliana *Fenomenologia do Espírito*, mas os seus interesses direccionaram-se para *Werther*, de Goethe, com quem se encontrou em Weimar, em 1808.

Como tão bem teoriza Hegel, o imperador não podia conceber, quando estava no auge da sua glória, a proximidade da sua queda nem a impossibilidade de transcender a breve figura da consciência que tinha tido a sorte de encarnar; pelo contrário, não podia senão viver o passo seguinte da história como a sua «morte».

NAPOLEÃO E OS INTELLECTUAIS ALEMÃES

Napoleão, que num primeiro momento tinha sido muito bem recebido por vários intelectuais pró-revolucionários alemães, empreendeu uma despótica ocupação, o que implicou a perda gradual dessas cumplicidades. Fichte, que tinha sido um declarado defensor da Revolução Francesa, considerou posteriormente que Napoleão a tinha traído e invocou nos *Discursos à Nação Alemã* que esta regressasse ao que realmente tinha sido a sua força tradicional, a *Bildung*, a força do espírito e da cultura. Perante a derrota e ocupação do mundo alemão, Fichte recordava que ainda lhe restava a grande ferramenta regenerativa: a educação. Por seu lado, Beethoven retirou a dedicatória a Napoleão que inicialmente tinha colocado na sua *Terceira Sinfonia*, «Heróica».

HEGEL NAPOLEÓNICO

Não obstante o anteriormente mencionado, e um pouco surpreendentemente, manteve a exaltação de Napoleão – a quem denominava a «alma do mundo» e «espírito universal a cavalo» – mesmo depois de ter levado a universalidade alemã mais brilhante do momento a perder os seus grandes talentos, a ficar quase sem alunos, a condená-lo a abandonar a carreira universitária durante dois anos e a limitar as já escassas possibilidades de a sua recém-nascida *Fenomenologia do Espírito* poder ser lida e correctamente interpretada.

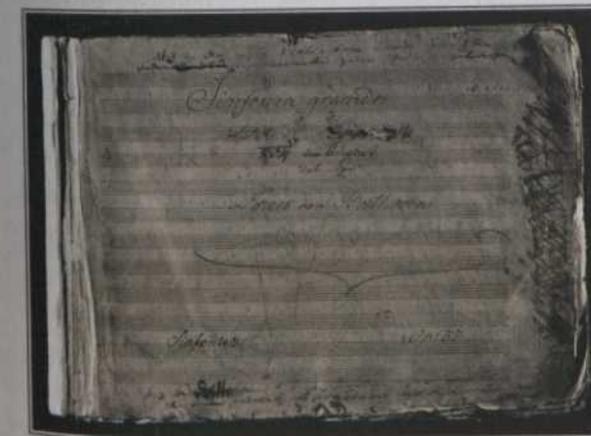
NAPOLEÃO SUBIUGA A PRÚSSIA

Napoleão tinha obrigado a Prússia, a maior potência militar da época, a entregar todo o seu território a oeste do Elba e a refugiar-se nos seus longínquos territórios orientais. Também tinha criado, à imagem e semelhança dos seus interesses, a Confederação do Reno (1806) com a maior parte dos príncipes alemães – mas, significativamente, sem a Áustria nem a Prússia –, nomeando-se seu «protector» e, além disso, criando o Reino da Vestefália para o seu irmão Jerome (1807). Com um nepotismo extremo, um ano antes, Napoleão já tinha nomeado o seu irmão José como rei de Nápoles (o mesmo a quem, dois anos depois, entregará o trono espanhol) e tinha criado o Reino da Holanda para o seu outro irmão Luís.

No auge do seu poder, Napoleão almejava o velho sonho de um completo império europeu, perante o qual tinham fracassado desde Carlos Magno até Carlos V. Nascido numa Córsega ainda não francesa, pelos azares da política, primeiro tinha-se tornado francês; depois, oficial revo-



EM CIMA, A CONSAGRAÇÃO DE NAPOLEÃO I EM NOTRE-DAME a 2 de Dezembro de 1804, óleo de J.-L. David (1748-1825) conservado no Museu do Louvre, Paris. À direita, encontro de Napoleão e Goethe em Erfurt, a 2 de Outubro de 1808, segundo uma gravura de Adalbert von Rössler (1853-1922). Em baixo, capa da partitura da Sinfonia número 3, «Heróica», título que Beethoven deu à obra – antes dedicada a Bonaparte – quando soube que este tinha sido coroado imperador. ◊



lucionário; mais tarde, «a espada» que Sieyès procurava para controlar a Revolução e pôr fim à radicalização que acabou por guilhotinar os próprios revolucionários; e, finalmente, imperador. Contudo, apesar de tão brilhante percurso, como teorizou Maquiavel, era prisioneiro das dificuldades para alcançar a plena legitimidade da sua soberania enquanto «príncipe novo», mal visto pelas casas reinantes europeias.

RENÚNCIA DE FRANCISCO II

Naturalmente, tinha imposto a renúncia do imperador Francisco II e, portanto, a extinção do quase milenar Sacro Império Romano Germânico (vigente desde a coroação de Otão, o Grande, em 962), e tinha-se autocoroado imperador. No entanto, Napoleão não podia deixar de pensar como um general ou como um «príncipe novo», sentindo cair sobre si a denúncia dos legitimistas, que lhe chamavam «o Usurpador». Napoleão sabia que não estava protegido com a legitimação «sacralizada» pelo tempo e costumes e, portanto, sentia-se dependente da superioridade militar, do constante exercício da força e de um inevitável e violento expansionismo imperialista. Essa fragilidade congénita era o significado inverso da sua autocoroação de 1804 (como ilustra o famoso quadro de David), dado que se entroniza «imperador hereditário dos franceses» *perante* e não *pelo* papa Pio XII.

O FRACASSO DE NAPOLEÃO

Apesar de ter aplicado habilmente muitos dos princípios que Maquiavel aconselhava em *O Príncipe* e de ter alcançado sucessos legislativos e modernizadores, como o novo Código Civil francês (o denominado *Código Napoleão*, que

será posteriormente um influente modelo para muitos Estados europeus), Napoleão sentia que tinha fracassado no objectivo último de ser reconhecido pelas cabeças coroadas da Europa. Não tinha conseguido transformar a legitimação da força em força de legitimidade, ou, como lhe poderiam dizer Hegel e Unamuno – cada um à sua maneira –, não tinha conseguido metamorfosear *a razão da força na força da razão*.

Além disso, a armada napoleónica tinha sido derrotada em Trafalgar (1805) pelo almirante britânico Nelson, outro «espírito do mundo», genial quando «cavalgava ao leme» dos seus navios. Quando Goethe terminou a primeira parte do *Fausto*, há duzentos anos, Napoleão era prisioneiro da insaciabilidade de fausto e do que Hegel denominava «a má infinitude», que cai prisioneira de si mesmo e é incapaz de se deter na sua fuga para a frente. Por isso, era inevitável – como teoriza a *Fenomenologia* de Hegel – que o espírito universal ou a razão na história abandonassem o seu «portador», Napoleão, que será imediatamente devorado pelos acontecimentos – como acontece quando se deixa de cavalgar o tigre.

A DERROTA DE NAPOLEÃO

Temendo não possuir uma verdadeira legitimidade e ofuscado pelos sucessos militares que acreditava ilimitados, Napoleão recusou uma paz favorável com os britânicos em 1806. De imediato, a armada britânica contra-atacou o bloqueio decretado por Napoleão com um muito mais efectivo bloqueio do comércio colonial marítimo francês. O astuto e mundano Talleyrand, consciente da impossibilidade de manter o ritmo napoleónico de conquista e guerra



GRAVURA QUE REPRESENTA A BATALHA DAS NAÇÕES, travada em Leipzig entre 16 e 19 de Outubro de 1813, na qual a Rússia, a Prússia e a Áustria derrotaram o exército que Napoleão tinha recrutado depois do desastre de 1812 na Rússia. Em finais de 1813, o absolutismo voltou a invadir a Europa, deixando para trás Napoleão, em quem Hegel viu encarnado o espírito da época. Museu Richard Wagner, Bayreuth, Alemanha. ◊

constantes, demitiu-se de ministro dos negócios estrangeiros em 1807. Como referimos, a realidade da guerra, as consequências da ocupação e, evidentemente, as inúmeras decisões erradas e brutais de Napoleão fizeram reflectir os que tinham visto na expansão francesa uma espécie de guerra de libertação que expandia os benefícios da Revolução. Pouco a pouco, os antigos aliados de Napoleão foram-se afastando-se do destino deste.

Embora a situação internacional tenha piorado muito – por exemplo, com a desastrosa campanha russa e com a rebelião espanhola –, mas mais convencido do que nunca que

a mínima concessão ou sinal de debilidade lhe trariam a destruição, Napoleão recusou uma última oferta de paz em 1813. Segundo disse a Metternich – que configurará a Europa, aplicando com mão de ferro a legitimação antiliberal até 1848 –, «a um homem como eu pouco importa a vida de um milhão de homens» e é «possível que perca o meu trono, mas sepultarei o mundo inteiro nas suas ruínas». Os acontecimentos posteriores são sobejamente conhecidos e, como Hegel tinha antecipado, o eixo da história afastar-se-á de Napoleão, que deixará de ser o «portador do espírito universal» para se apagar tragicamente. /G. M.

REDUÇÃO DA FENOMENOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO SISTEMA PANLÓGICO

A DEPURAÇÃO DO PANTRAGICISMO HEGELIANO

Como referimos, na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel mostrava a génese simultaneamente lógica e empírica, friamente racional e atormentadamente trágica, daquelas ideias irrefutáveis que constituíam o «saber absoluto» possível na sua época.

TRÊS NÍVEIS

Muito ambiciosamente, Hegel levava-o a cabo em três níveis sobrepostos, mas bastante diferentes entre si.

Primeiro nível. Por um lado, a *Fenomenologia do Espírito* queria ser a exposição global e estruturada do sistema filosófico científico que os idealistas tinham aceite como o objectivo supremo do momento.

Segundo nível. Por outro lado, devia ser também a síntese da evolução da humanidade até conseguir aceder a um sistema omnicomprensivo rigoroso; ou seja, era também uma determinada filosofia da história universal inseparável de uma história da filosofia.

Terceiro nível. Em terceiro lugar, devia ser um *Bildungsroman*, um rigoroso «romance de formação», impulsionador dos indivíduos para a razão universal; ou seja, era também a narração da experiência vital e educativa por que tinha de passar toda a consciência particular que quisesse atingir o nível de conhecimento atingido pela humani-

dade no seu conjunto, isto é, que quisesse alcançar o «saber absoluto» possível aqui e agora.

Em muitos sentidos, a sobreposição destes três propósitos, além de tão ricos e diferentes entre si, significou um desafio excessivo que complica muito a leitura e compreensão da *Fenomenologia do Espírito*. Por isso, Hegel distanciou-se dela, eliminando grande parte da carga dramática para realçar os aspectos lógico-conceptuais do desenvolvimento sistémico e decidindo distinguir neste, com mais precisão, os diferentes âmbitos.

Decidiu separar em discursos tudo o que tinha referido no seu primeiro livro, depurando tudo aquilo que salientasse o sentimental, emotivo, carnal, dramático e trágico – aquilo que denominamos o *pantragicismo* hegeliano – para, pelo contrário, destacar a mais abstracta argumentação lógica e a fria estruturação conceptual sistemática – aquilo a que chamamos o *panlogismo* hegeliano.

UMA OBRA ABANDONADA

Numa evolução compreensível, mas também, pelo menos em parte, digna de ser lamentada, quando desenvolveu o seu sistema, Hegel distanciou-se deste labirinto de espelhos que é a *Fenomenologia do Espírito*, acabando por considerá-la um projecto exterior – em parte preparatório e em parte fracassado – do seu sistema, da sua verdadeira filosofia. Por isso, e em geral, a *Fenomenologia do Espírito* foi ignorada por todos os seus discípulos directos (de Bauer a Marx, passando por Feuerbach), e, com a permissão de Dilthey, foi necessário esperar pelo

existencialismo de entre-guerras mundiais para que fosse redescoberta e nos permitisse perdermo-nos pelos seus labirintos.

OBRA POSTERIOR

Desta forma, Hegel separou as três tarefas que se misturavam na *Fenomenologia* e lhe conferiam o seu riquíssimo carácter.

Em primeiro lugar. A exposição panlógica e intemporal do sistema foi desenvolvida em obras como a *Ciência da Lógica* (a sua grande obra de Nuremberg) e a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (o grande contributo da sua estada em Heidelberg). Nelas, muitas vezes também existem apontamentos históricos e alguma dialéctica concreta, tratada com grande dramatismo, mas o desenvolvimento lógico abstracto predomina sobre o histórico, concreto e empírico, e ainda mais sobre a tragédia e o drama humano. Nelas, a perspectiva panlogicista de Hegel adia e abandona a perspectiva pantrágica que fixava, enriquecia, concretizava e complementava a *Fenomenologia do Espírito*.

Em segundo lugar. A exposição mais diacrónica e histórica do desenvolvimento humano que a *Fenomenologia do Espírito* apresentava concretizar-se-á posteriormente, sobretudo nas suas aulas e discursos sobre a filosofia da história, sobre a arte, sobre a religião e sobre a história da filosofia – que são significativamente com a sua reflexão sobre o Estado, a grande preocupação de Hegel em Berlim. Nestas aulas e temáticas, predominará o discurso histórico evolutivo e, inclusive, a análise de grande drama-

tismo. No entanto, mesmo na *História da Filosofia* e na *Lições de Filosofia da História Universal*, em que o panlogismo não era tão dominante, Hegel minimizará, em grande medida, o drama das particularidades divididas e alienadas, em luta moral, da *Fenomenologia* a favor da teorização da «astúcia da razão» ou da «reconciliação especulativa».

Em terceiro lugar. Por fim, só a terceira tarefa ficou como própria e específica da *Fenomenologia do Espírito*. Contudo, no sistema da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, Hegel interpreta-a de forma muito redutor denominando «fenomenologia do espírito» uma parte muito secundária e limitada. Nomeadamente, situa-a como o segundo momento do «espírito subjectivo» que é a primeira secção da filosofia do espírito –, qual também contém somente uma versão muito resumida e, claro, completamente «desdramatizada» dos conteúdos dos capítulos que na *Fenomenologia do Espírito* de 1807 eram denominados «A. Consciência» e «B. Autoconsciência» – passa de aproximadamente 80 páginas para apenas 13. Apenas com esse dado já se evidencia a radical supressão de muitos aspectos que eram capitais no desenvolvimento de 1807, mas a surpresa torna-se maior quando o capítulo denominado «C. AA. Razão» – que ocupava cerca de 150 páginas – fica absolutamente reduzido a metade de uma página; enquanto desaparecem por completo as três grandes partes finais da *Fenomenologia* de 1807; «BB. O Espírito», «CC. A religião» e «DD. O saber absoluto», que ocupavam bastante mais de 200 páginas. /G. M.

RESPOSTA HEGELIANA AO «TRILEMA DE MÜNCHHAUSEN»

A SOLUÇÃO DA TRIPLA APORIA

O filósofo alemão do séc. xx, Hans Albert, denominou *Trilema de Münchhausen* a tripla aporia, à qual considera que está necessariamente condenada toda a tentativa de fundamentação: quer caia no paradoxo do regresso infinito – deve apresentar-se sempre um fundamento posterior e prévio, de forma infinita e sem solução de descontinuidade – quer na falácia do círculo lógico – de alguma forma o que funciona como fundamento num lugar funciona como fundamento noutra – quer na interrupção dogmática e injustificada do procedimento de fundamentação que leva a afirmar arbitrariamente um princípio que se apresenta como evidente por si mesmo, que se considera que não necessita de ser fundamentado e, inclusive, que seria impossível fundamentar.

Hegel tenta ultrapassar a primeira e a terceira aporias, dando uma nova versão – que considera plenamente rigorosa – da segunda. Considera que, ao pensar-se em termos de totalidade, efectivamente atende-se a esta sem deixar nenhum resíduo ou parte inconsiderada, não se perde a ligação lógico-argumentativa e pode fechar-se o círculo do sistema, para que tudo possa funcionar como fundamento e como fundamentado.



RETRATO DE G. F. W. HEGEL QUANDO RESIDIA EM NUREMBERG, segundo um desenho de G. Hensel. A imagem tem uma dedicatória escrita pela mão do filósofo «Unsere Kenntnis soll Erkenntnis werden. Wer mich kennt, wird mich hier erkennen» («O nosso conhecimento deve transformar-se em reconhecimento. Quem me conhece, aqui [nesta ir:agem] me conhecerá»). ♦

Neste caso, o importante é a dinâmica e a junção lógica que vincula o todo acima de qualquer parte concreta, por mais privilegiada que seja. Não existe, pois, um princípio incondicionado, fundamento infundamentado nem regresso ad *infinitum*, mas uma totalidade omnicompreensiva, que se legitima pela ligação lógica que a vincula a todos e a cada um dos seus elementos. / G. M.

AS LIÇÕES DE BERLIM

A SUA PUBLICAÇÃO E RECUPERAÇÃO
DA FENOMENOLOGIA

Embora, para evidenciar a lógica especulativa do seu sistema amadurecido, Hegel tenha desmembrado a *Fenomenologia do Espírito*, grande parte das suas aulas em Berlim continha e desenvolvia os temas de que tratava nesta obra. Basta verificar que as partes que a *Fenomenologia* perde, ao passarem a ser uma mera e secundária parte do sistema, são as desenvolvidas nas *Lições de Filosofia da História Universal*, na *Estética ou Filosofia da Arte*, na *Filosofia da Religião* e na *História da Filosofia*. Todas estas obras são fruto dos cursos e conferências hegelianas da Universidade de Berlim, sendo as mais influentes do pensamento de Hegel, apesar de não se poderem considerar exactamente como livros seus.

São edições realizadas por diferentes discípulos hegelianos que reuniram os manuscritos e as notas – por vezes, muito fragmentados – do próprio Hegel, mas acrescentando-lhes sínteses ou intercalando fragmentos extraídos dos apontamentos anotados ao vivo – contudo, por vezes, refeitos posteriormente. Tudo isto era convenientemente reformulado com o objectivo – segundo confissão de um dos seus editores – de «fazer um livro» com todo o acervo de textos de diferente valor e proveniência.

APONTAMENTOS MUITO ESCLARECEDORES

Embora de uma perspectiva purista se possa ser bastante crítico em relação a este procedimento e aos livros daí resultantes, tem de reconhecer-se a grande influência das referidas obras, que no seu momento foram consideradas, para todos os efeitos, como obras do próprio Hegel. No entanto, é claro que, com os critérios actuais de edição crítica e do estudo fidedigno e rigoroso do pensamento de Hegel, é preciso editar como tais todos os fragmentos e notas redigidas pelo próprio Hegel e também os diferentes cadernos dos seus alunos e restantes materiais, sem os misturar e distinguindo a sua proveniência e possível fiabilidade.

Contudo, o leitor encontrará nestas obras grande parte dos elementos mais vívidos e concretos da reflexão hegeliana. Aspectos que lamentavelmente – segundo muitos – o próprio Hegel foi minimizando na sua exposição lógico-especulativa do sistema. Porque razão Hegel agiu desta forma? Que significado filosófico tinha esta opção? Noutros termos mais explícitos: o esquecimento ou a minimização do pantrágico – ou seja, das análises mais vívidas, dramáticas, concretas e experienciais – foi o preço que Hegel teve de pagar para triunfar no grande desafio que a jovem geração pós-kantiana tinha assumido: edificar o sistema omnicompreensivo, realçando sobretudo o vínculo lógico da totalidade – o panlógico? É possível que parte disto esteja presente na evolução hegeliana. / G. M.

O SISTEMA PANLÓGICO

O GRANDE SUCESSO DE HEGEL E A SUA INFLUÊNCIA NA INTERPRETAÇÃO POSTERIOR

É certo que, depois da *Fenomenologia*, Hegel deu a sua própria solução à questão da fundamentação radical do sistema filosófico. Renunciou ao sonho de definir o princípio último e incondicionado, sonho que tinha fascinado pelo menos desde Aristóteles até Fichte ou Schelling. Hegel considerou que estes tinham fracassado uma vez mais, além de também terem evidenciado a incoerência última de tal posição. Por isso, Hegel optou por renunciar a fundamentar tudo num princípio radical e incondicionado, que, por isso mesmo, teria de ser necessariamente infundamentado, ou seja, carente de qualquer fundamento. Em contrapartida, definiu um sistema omnicomprensivo e dialecticamente circular, de forma que não importa por onde se inicia a especulação filosófica, mas importa, acima de tudo, não perder a ligação lógica que a une até ter fechado o círculo sobre si mesmo – que é, pensa Hegel, a única forma de fundamentar sem que o próprio fundamento careça de qualquer fundamentação.

A LIGAÇÃO LÓGICA

Naturalmente, isto obrigou Hegel a focalizar a sua atenção e o seu discurso na ligação lógica, no vínculo que une a parte com o todo, na estrutura e sistematicidade global. Sabia que se perdesse, por um instante que fosse, o elo lógico global, o seu sistema e a sua pretensão de fundamentação dialéctica circular cairiam por si só. Este era o desafio que Hegel tinha necessariamente de assumir se queria triunfar naquilo em que os grandes idealistas pós-

-kantianos Fichte e Schelling tinham fracassado. Como estes por fim suspeitaram – talvez em especial o seu amigo Schelling –, a infundamentação do sistema não pode ser vencida persistindo na concepção radical aristotélica e cartesiana do fundamento. Hegel, tentando não cair naquilo que considerava a inconsequência final de Kant, apercebeu-se de que – como este – devia procurar uma saída imaginativa e inovadora que evitasse cair no dogmatismo filosófico do racionalismo anterior.

O SONHO PANLÓGICO

No entanto, a genial opção hegeliana tinha a exigência e o enorme custo de um discurso absolutamente lógico, que não podia perder em nenhum momento a sua holística concentração sistemática e global. Hegel teve necessariamente de sacrificar o momento analítico e a atenção ao concreto a favor do momento sintético e da atenção ao conjunto. Portanto, não podia realçar o particular e o concreto por mais subtil e relevante que fosse, pois implicaria desviar a atenção da lógica do conjunto; isso provocaria a perda da ligação global lógico-sistemática, perdendo o todo e perdendo, portanto, o fundamento desse todo. O sonho sistemático, holístico e especulativamente «científico» de Hegel levaria ao seu sonho panlógico.

Além disso, o sonho panlógico levou Hegel a acentuar o seu estilo discursivo: complexo, fechado, muitas vezes enigmático e maçadoramente reiterativo das ligações lógicas dialécticas do tipo «em si», «para si» e «em e para si». Talvez também – como é acusado – exista aqui a derivação ideológica hegeliana, que cada vez mais minimiza o humano concreto e particular a favor do especulativamente divini-

zado, universal e eterno; mas também existe o auto-sacrifício de uma parte do talento hegeliano (evidenciado em obras como a *Fenomenologia*) em função de um ideal tão absoluto que se aproxima do impossível e do inumano. Pois Hegel, como escritor e filósofo, parece chegar à conclusão de que não pode desviar a mínima atenção do sistemático e do panlógico; além disso, não pode desviar a atenção do leitor da lógica do sistema para abordar por menorizadamente o humano, o seu drama e a sua tragédia, que tão vividamente tinha evidenciado noutras obras.

A ENCICLOPÉDIA DAS CIÊNCIAS FILOSÓFICAS

Embora Hegel lhe resistisse explicitamente, a lógica global do sistema acaba por se impor pouco a pouco às análises concretas e pantrágicas. Já com os desenvolvimentos do sistema elaborados em Nuremberg, e especialmente com a primeira edição da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, Hegel conseguiu uma formulação relativamente estável do seu sistema – apesar de os estudos por menorizados nos demonstrarem que nunca foi tão estável como parece. Isto foi saudado unanimemente como a constatação definitiva de que Hegel tinha triunfado naquilo que tinham fracassado outros pensadores tão importantes e criativos como Fichte, Schelling, Hölderlin, etc. Assim, o grande sonho do sistema omnicomprensivo e radicalmente fundamentado de grande parte da modernidade parece ter culminado em Hegel e somente nele.

O ABSOLUTO, CONQUISTADO PARA SEMPRE?

O preço pago por Hegel não parecia muito para terminar a grande explosão de entusiasmo especulativo a que Kant tinha dado início – em grande medida, contra a sua von-



RETRATO DE G. F. W. HEGEL (c. 1831). Neste óleo, Jakob Schlesinger (1792-1855) mostra o filósofo na sua época berlinense, com o rosto envelhecido e o seu penetrante olhar estrábico. SMPK, Nationalgalerie, Berlim. ♦

tade –, que era o fundo comum de românticos e idealistas e uma das últimas apostas – se não a última – a favor da unidade sistemática e logicamente relacionada de tudo. O absoluto parecia ter sido assim conquistado para sempre, só com o pequeno preço de desviar um pouco a atenção do filósofo, ou – como dirá Marx – de a ter invertido. Mas, curiosamente, Hegel, que parecia assim ter conquistado o sonho romântico do absoluto, tornar-se-ia o mais anti-romântico dos idealistas alemães, pois acabou por prescindir do mais vivo, dramático, trágico, concreto, apaixonante... do mais humano.

HEGEL E OS EXISTENCIALISTAS

Por motivos idênticos, posteriormente, o então hegeliano Franz Rosenweig abdica do seu excelente livro *Hegel e o*

Estado, e, nas trincheiras da Primeira Grande Guerra, inicia o existencialismo com a sua obra *A Estrela da Redenção*. Muitos outros existencialistas procurarão esse outro Hegel e consolidarão a reivindicação da *Fenomenologia do Espírito*. Mais tarde, autores que vão de Alexandre Kojève até Jacques d'Hondt ou a Francis Fukuyama – tão diferentes e opostos –, continuaram com o mesmo dilema: como interpretar Hegel? Qual é a sua verdadeira mensagem e o que hoje melhor prevalece? O panlogicismo ou o pantragicismo? Qual é o modelo filosófico que Hegel nos oferece para a actualidade e qual é o mais relevante? O formidável sistema omnicompreensivo, aparentemente invulnerável, «científico» na sua especulação, eternamente fixo em cada um dos seus momentos e que nos promete consoladoramente participar no absoluto? Ou a desesperada e muitas vezes autista coexistência de dois modos de viver e filosofar: por um lado, o dramático, quente e concreto cálice pantrágico e, por outro, a friamente conceptual mas sistemática e global visão panlógica? Esta será a grande interrogação que ressoará a partir daí.

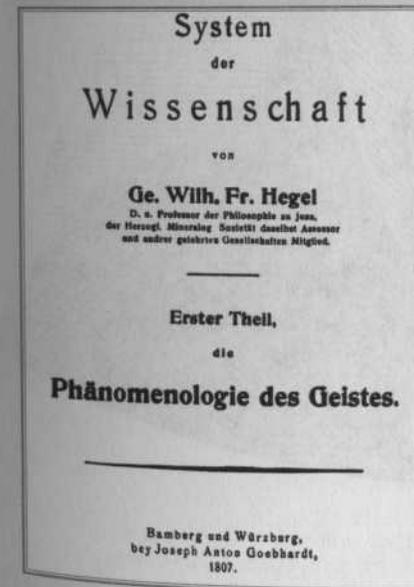
O ESQUECIMENTO DO HEGEL PANTRÁGICO

A maior parte das críticas denunciou o Hegel panlogicista, muitas vezes sem saber que, em certa medida, houve «outro» Hegel. Embora, na verdade e em último caso, não existam dois Hegel, mas simplesmente um que, numa complexa evolução, acredita ter atribuído à ciência o princípio chave partilhado pelos grandes românticos e idealistas: a aspiração a uma plena reconciliação no absoluto que signifique a liberdade superior, que ultrapasse a dicotomia “representativista” sujeito-objecto e que ofereça

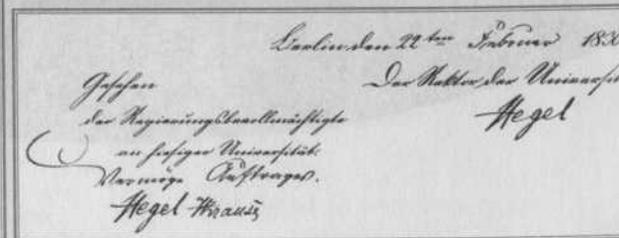
uma versão especulativa da razão – dialéctica – capaz de reequilibrar o livre conjunto das faculdades humanas.

No entanto, durante muito tempo esquecer-se-á essa evolução e, sobretudo, o considerável custo filosófico que Hegel pagou pela elaboração e pelo triunfo do seu sistema. Ou seja, esquecer-se-á que o Hegel panlógico, conhecido por todos, que prioriza o seu sistema e que subordina toda a filosofia à totalidade sistemática, não é senão (aplicando a famosa fórmula do contemporâneo Clausewitz) a continuação por outros meios dos mesmos ideais juvenis do Hegel pantrágico.

No entanto, tal como na *Fenomenologia do Espírito* se tentava realizá-los dentro da irreduzível interacção do conflito vital, social, existencial e especulativo – por exemplo, no âmago da religião ou de um saber absoluto que apure o «cálice» da «via crucis» existencial para que «deste reino dos espíritos brote a sua infinitude» – agora tentar-se-á centrar sobretudo na lógica racional do sistema. Permanece o mesmo ideal, mas esquecendo o pantragicismo a favor da compreensão especulativa da «história concebida» como a fria reconciliação panlógica. O preço pago será perder humanidade, sendo inclusive acusado de cair na inumanidade; mas Hegel optará por privilegiar aquela que considera a tarefa do filósofo: erigir «este mundo, captado na sua substância, na figura de um reino intelectual. Quando a filosofia pinta com o seu cinzento sobre o cinzento, então já envelheceu uma figura da vida, mas com cinzento sobre cinzento não se deixa rejuvenescer, mas simplesmente conhecer». / G. M.



A CIDADE DE NUREMBERG c. 1850, numa gravura de Karl Rauch, realizada a partir de uma obra de Ludwig Lange (1808-1868). Nesta cidade, Hegel escreveu a *Ciência da Lógica*, que, publicada entre 1812 e 1816, se juntava à sua grande obra de juventude em Jena: a *Fenomenologia do Espírito*; à esquerda, capa da primeira edição desta obra (1807). A *Fenomenologia* marca a introdução ao sistema da ciência. Em Heidelberg e Berlim, cidade onde terminou a sua carreira académica como reitor, acrescentou ao seu sistema a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* e a *Filosofia do Direito*. Em baixo, a assinatura de G. W. F. Hegel como reitor da Universidade de Berlim e de Friedrich Wilhelm como delegado do governo, num certificado de estudos de 1830 para um estudante de teologia. ♦





HEGEL .